

TRANSCRIÇÃO PGM 12 “NO CAMINHO DO BEM” - PGM MORTE

01:00:15:19 – 01:00:36:05 – OFF IMAGENS DE COBERTURA

Sérgio Besserman: Nós nascemos brasileiros, latino americanos, africanos, europeus, cariocas, paulistanos, catarinenses, nos tornamos artistas, acadêmicos, empresários, liberais, conservadores, progressistas, mas primordialmente somos seres humanos.

01:00:36:05 – 01:00:46:11 ON

Sérgio Besserman: E nós, os 7 bilhões de seres humanos que povoamos o planeta terra, estamos conscientes que assim como nascemos, um dia também morreremos.

01:00:46:11 – 01:00:56:01 OFF IMAGENS DE COBERTURA

Sérgio Besserman: De que nos serve essa consciência se não pudermos desafiar, explicar ou pelo menos nos confortar diante o fim inevitável?!

01:00:56:01 – 01:01:04:04 - ON

Sérgio Besserman: Então nós, seres racionais, mas também sensíveis, emocionais, criamos as religiões.

01:01:04:05 – 01:01:10:19 OFF IMAGENS DE COBERTURA

Sérgio Besserman: Apesar das diferenças ideológicas, filosóficas, culturais...

01:01:10:19 – 01:01:18:01 ON

Sérgio Besserman: todas elas buscam explicar os mistérios da nossa trajetória e com isso nos trazem abrigo, alívio, acolhimento.

01:01:18:01 – 01:01:28:18 OFF IMAGENS DE COBERTURA

Sérgio Besserman: Assim nos tornamos também católicos, muçulmanos, candomblecistas, evangélicos, judeus, espíritas, agora guiados por alguma luz no caminho.

01:01:28:18 – 01:01:47:08 ON

Sérgio Besserman: Pronto, problema resolvido. Só que nós, tão humanos, ficamos fascinados pelas luzes e perdemos a direção. Muitas vezes ofuscados, não nos demos conta que todos nos levam no mesmo sentido, no mesmo caminho.

01:01:47:08 – 01:01:52:19

VINHETA DE ABERTURA NO CAMINHO DO BEM

01:01:52:19 - 01:02:17:14 - ON

Sérgio Besserman: Ao mesmo tempo em que é a nossa única certeza inabalável, a morte, sobretudo no Ocidente, é um grande motivo de dor e angústia. Sofremos quando perdemos entes queridos e lidamos mal com a ideia do nosso fim. Não à toa, a morte ocupa um lugar privilegiado em cultos, narrativas, rituais de religiões das mais diversas etnias e culturas.

01:02:17:14 - 01:02:22:11 - OFF IMAGENS DE COBERTURA ESPIRITISMO

Patrícia Britto: Eu sempre fui espírita.

01:02:22:11 - 01:02:24:05 - ON

Patrícia Britto: Eu sempre acreditei em vida

01:02:24:05 - 01:02:26:28 - OFF IMAGENS DE COBERTURA ESPIRITISMO

Patrícia Britto: após a morte.

01:02:26:28 - 01:02:30:29 - OFF IMAGENS DE COBERTURA EININJI

Alcio Braz: O buda dizia

01:02:30:29 - 01:02:37:15 - ON

Alcio Braz: que você tem que ter uma vida bem vivida e que, se você vivesse bem, não importava bem se tinha vida após a morte ou não.

01:02:37:15 - 01:02:44:17 - OFF IMAGENS DE COBERTURA EININJI

Alcio Braz: Porque, se você viver bem e tiver vida após a morte, você vai estar preparado. Se não tiver, ótimo, você viveu bem do mesmo jeito, simplesmente isso.

01:02:44:17 - 01:02:49:07 - OFF IMAGENS DE COBERTURA

Duda Ribeiro: A morte é colocada de uma forma

01:02:49:07 - 01:03:01:11 - ON

Duda Ribeiro: Como uma interrupção. E eu vejo como uma passagem. Então, talvez pudéssemos arranjar um outro nome. O que eu acho é que eu volto para casa.

01:03:01:11 - 01:03:05:27 - IMAGENS DE COBERTURA

Duda Ribeiro: Isso aqui é minha escola e eu volto para minha casa.

01:03:05:27 - 01:03:17:07 - ON

Sérgio Besserman: Para além das questões espirituais e filosóficas, a morte também levanta tabus religiosos, como o suicídio e a eutanásia. No episódio de hoje de No Caminho do Bem,

01:03:17:07 - 01:03:23:22 - OFF IMAGENS DE COBERTURA

Sérgio Besserman: Vamos entender como as diferentes religiões percebem a morte e como a fé pode nos ajudar

01:03:23:22 - 01:03:25:26 - ON

a lidar com nossa finitude

01:03:25:26 - 01:03:33:05 - VINHETA NO CAMINHO DO BEM – APRESENTAÇÃO

ASSUNTO DO DIA: MORTE

01:03:33:05 - 01:03:50:02 - OFF IMAGENS DE COBERTURA

Duda Ribeiro: Bem, eu tava fazendo um espetáculo, chamado “Dona Flor e seus Dois Maridos”, viajando o Brasil.

01:03:50:02 - 01:04:46:22 - ON

Duda Ribeiro: E quis fazer um *check-up*, meu exame de sangue deu uma alteração no fígado, eu tenho um amigo meu que é médico, que falou “ah, faz uma ultra”. Da ultra a mulher já erragalou os olhos com o fígado. Tomografia o médio arregalou os olhos quando chegou, já tinha o fígado tomado de tumores há pelo menos, sei lá, cinco anos. Se tivesse que optar por estar curado nesse exato momento seria ótimo, mas nunca tive raiva, rancor dela, isso porque eu... não, isso nunca aconteceu não. Eu tenho uma amiga que sempre diz que a gente tem que perguntar pra quê e não por quê eu tô vivendo isso. Então, eu to nessa procura. E, a partir desse diagnóstico, foi aí que eu entrei na minha procura espiritual, que estou até hoje, assim.

01:04:46:22 - 01:04:55:22 - OFF IMAGENS DE COBERTURA

Duda Ribeiro: Eu acho que eu não sou o tipo de pessoa que você pode sacramentar “Ele é espírita, ele é católico, ele é cristão”

01:04:55:22 - 01:05:23:15 - ON

Duda Ribeiro: “Ele é budista, ele é...”. Não, eu tenho como... A minha tese é formada em função das escrituras que lí dessas, aí formei o meu conteúdo a minha... eu sempre digo que o padrão é o mesmo e, a partir desse padrão sendo o mesmo, talvez a diferença seja exatamente que eu não... eu frequento todas

01:05:23:15 - 01:05:31:29 - OFF IMAGENS DE COBERTURA

Duda Ribeiro: desde que eu esteja em paz. Não que você busque um milagre, mas você busca... Ah, bom, já que a situação é limítrofe, né.

01:05:31:29 - 01:05:49:07 - ON

Duda Ribeiro: Você tá naquela... então vamos descobrir como cada religião pensa sobre o outro lado, como é o outro lado, ou como cada religião pensa sobre a doença, e aí eu sou muito grato à ela. Porque ela me abriu a porta a isso.

01:05:49:07 - 01:06:03:11 - OFF IMAGENS DE COBERTURA TRIBOS INDIGENAS

Sérgio Besserman: Kaká,

01:06:03:11 - 01:08:11:17 - ON ENTREVISTA SÉRGIO BESSERMAN E KAKÁ WERÁ

Sérgio Besserman: para muitos os homens procuram as religiões por temer a morte. E, também, para muitas religiões o destino dos mortos depende do que eles fizeram em vida. Como a cultura indígena vê a morte?

Kaká Werá: É ... vou falar de algumas tradições assim, que... interessantes. Por exemplo, o povo Bororo. O principal rito, o principal fundamento da existência do povo Bororo, por exemplo, é pra morrer, e o principal rito é chamado “aroi” que é um rito de morte. Os Bororo acreditam que a morte é uma travessia prum portal para realmente um mundo superior, mas você só vai faz juz a esse mundo superior se, em vida, você manifestar, você trabalhar, você realmente demonstrar ter sido um grande guerreiro. Sendo que esse grande guerreiro, seu principal atributo é justamente a coragem. Então, os Bororo, por exemplo, morrer é uma festa, quando alguém morre é, realmente, uma celebração festiva, porque tá atravessando um portal...

Sérgio Besserman: Foi um guerreiro, foi corajoso, foi uma mulher guerreira, então irá para...

Kaká Werá: É, os Bororo vêm dessa forma. Tem até uma história relacionada ao Marechal Rondon. O Rondon era mestiço, né, a etnia dele também era Bororo. E ai ele, num determinado momento da vida dele até reconheceu isso e os Bororo, admirando muito ele, quando ele chegou na aldeia certa vez, então, uma pessoa de... um militar, uma pessoa altiva, “nós gostamos muito de você, te admiramos muito, tanto que a gente vai te matar agora”. Né, que você é um guerreiro corajoso, para você fazer a passagem.

01:08:11:17 - 01:08:24:20 - OFF IMAGENS DE COBERTURA EININJI

Alcio Braz: Estamos aqui no quintal de Eininji. Eininji é um tempo zen

01:08:24:20 - 01:08:30:00 - ON

Alcio Braz: e a tradução de Eininji, que é japonês, é “templo zen do cuidado amoroso eterno”.

01:08:30:00 - 01:09:06:26 - OFF IMAGENS DE COBERTURA EININJI

Alcio Braz: A qui a gente tá bem no meio da comunidade do Pavão-Pavãozinho, Cantagalo, e essa casa... essa casa tem mais de 30 anos que é um templo zen. A realidade, pra gente, na condição humana, é basicamente envelhecer - pra quem tem sorte o suficiente de envelhecer -

adoecer e morrer. Então, essa é uma realidade inescapável, a gente faz de conta que não tá vendo, isso é curioso né. O fato de você perceber a finitude

01:09:06:26 - 01:09:35:11 - ON

Alcio Braz: Apenas reafirma a nossa percepção da transitoriedade de tudo. Tudo é impermanente, tá tudo mudando. Então, quando eu levanto de manhã, eu uso aquelas cinco lembranças, quer dizer, é da minha natureza adoecer, eu não posso evitar a doença; é da minha natureza envelhecer, eu não posso evitar a velhice; é da minha natureza morrer, eu não posso evitar a morte; todas as pessoas que eu amo compartilham da natureza da mudança, eu não posso evitar a separação;

01:09:35:11 - 01:10:01:18 - OFF IMAGENS DE COBERTURA EININJI

Alcio Braz: e meus atos são minhas únicas posses verdadeiras, eu não posso evitar as consequências dos meus atos, meus atos são o chão onde eu fico de pé. Quando eu lembro disso, eu percebo que vida e morte são exatamente o cenário para eu poder manifestar o dharma. A gente fala, eu não sei quem foi que falou isso, que nós fomos a possibilidade que o Universo tem de olhar para si mesmo, como se a gente fosse a consciência do Universo.

01:10:01:18 - 01:10:06:05 - ON

Alcio Braz: Então a gente tem que tá plenamente presente na vida e plenamente presente na morte.

01:10:06:05 - 01:10:14:01 - OFF IMAGENS DE COBERTURA EININJI

Alcio Braz: A visão do Buda Shakyamuni era essa, se você vive a vida plenamente, você vai poder morrer plenamente também, chegar na morte e simplesmente morrer.

01:10:14:01 - 01:10:28:03 - OFF IMAGENS DE COBERTURA TEMPLO HINDU

01:10:28:03 - 01:12:27:24 - ON ENTREVISTA SÉRGIO BESSERMAN E SWAMI JITANANDA

Sérgio Besserman: Swami, como o hinduísmo entende a morte física? Como a espiritualidade pode nos ajudar a lidar com a ideia da nossa própria morte?

Swami Jitananda: Uma das escrituras mais importantes do hinduísmo é o Bhagavad-gita. Bhagavad-gita diz que a morte é apenas trocar de roupa, vamos dizer assim, o corpo físico não é o que nós somos realmente, é apenas um instrumento. Quando nós deixamos o corpo físico, nós continuamos a nossa existência, então essa é a crença básica do hinduísmo. E nós tomamos novos corpos e continuamos o processo evolutivo. Então, o princípio básico do hinduísmo é a reencarnação, eles acreditam piamente na reencarnação, que nós não temos apenas uma única vida, que nós passamos por essa terra diversas vezes com a finalidade única de obter conhecimento. Então a morte é uma coisa natural, é uma coisa que é apenas mudança de vestimenta. Mas, como o ser humano tem um apego muito grande pelo corpo, nas suas diversas formas, é muito difícil para ele aceitar deixar o corpo físico. Porque o corpo físico, a maioria da humanidade acredita que é o corpo físico, ou seja, “eu sou o corpo físico, eu sou esse corpo”, mas o hindu não tem essa crença, de que ele é o corpo físico. Talvez por isso no hinduísmo, na Índia, não se enterra os cadáveres. Ou seja, há uma prática que... não existe cemitério na Índia, você não tem essa prática de colocar o cadáver no túmulo e deixar ali. O corpo morreu, eles queimam. A coisa imediata é queimar, porque a pessoa não está mais ali, o que sobrou é apenas a matéria, então não existe mais “prano”, não existe mais vida naquele corpo. Então eles queimam, tem todo o ritual que eles fazem o processo de cremação. Depois jogam as cinzas no rio.

01:12:27:24 - 01:12:45:08 - OFF IMAGENS DE COBERTURA FERNANDO BEM

Patrícia Britto: Nós estamos na reunião do Fernando Bem. Uma reunião

01:12:45:08 - 01:13:06:28 - ON

Patrícia Britto: de psicografia, tem uma palestra, depois tem a psicografia e eu vim na esperança de receber a carta do meu filho e, também, participar dessa reunião, que é uma reunião que tem uma energia muito boa. Para quem é espírita, nós sentimos a presença dos nossos filhos, parto de nós, aqui.

01:13:06:28 - 01:13:23:12 - OFF IMAGENS DE COBERTURA FERNANDO BEM

01:13:23:12 - 01:15:47:02 - ON ENTREVISTA SÉRGIO BESSERMAN E ELIEL BATISTA

Sérgio Besserman: Jesus disse, na morte de Lázaro, que a morte conduz a vida. De alguma forma a gente poderia supor que os cristãos vivem mais preocupados com a vida após a morte do que com a vida até a morte?

Eliel Batista: É, de fato esse texto em que Jesus diz em João, no capítulo 11, “Aquele que crê em mim, ainda que esteja morto viverá e, quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente”. Ele é muito comum de ser visto como Jesus dizendo que a morte conduz a vida, isso é muito comum, é a maneira geral que se lê esse texto. Mas, se nós prestarmos bem atenção na construção, naquilo que Jesus está dizendo, nós vamos perceber que ele não está remetendo para frente, que a morte conduz a vida. Porque ele diz assim “aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá”, quer dizer, ele está falando de uma fé a despeito da morte. Você sabe que vai morrer, todos nós sabemos que vamos morrer e estamos indo caminhando para morte. Sabendo disso, você crendo, aí dá o passo seguinte, e esse que vive assim, crendo a despeito da morte, não morre. Porque, porque agora nós estamos falando de uma vida que perdura, que é tudo aquilo que fizemos, tudo aquilo que semeamos, tudo aquilo que deixamos como marcas. Porque a vida eterna não é algo que tem que começar um dia, senão nós estamos ferindo o conceito de eternidade. Eternidade não pode ter começo.

Sérgio Besserman: É anti-lógico.

Eliel Batista: Exatamente. Então a vida eterna não é algo que vai começar. E é muito depois se lançar a vida eterna para depois da morte, só que, se ela começar depois da morte nós não estamos falando de vida eterna. O que é então? A vida eterna está no fluxo da história. Ou vivemos essa vida que é eterna. Qual vida que é eterna? Tudo aquilo, todos os valores que são eternos, do amor, da paz, essas relações. Porque, por mais que uma pessoa morra fisicamente, ela permanece na nossa memória, as relações permanecem. Então, Jesus está falando sobre essa vida e que devemos vivê-la, pela fé.

01:15:47:02 - VINHETA ESTAMOS APRESENTANDO NO CAMINHO DO BEM

01:16:03:25 - 01:16:09:05 - VINHETA VOLTAMOS A APRESENTAR NO CAMINHO DO BEM

01:16:09:05 - 01:16:26:06 - ON

Sérgio Besserman: Juízo final, retorno às origens, reencontro com os antepassados, oportunidade de reencarnação. Variadas são as formas de se encarar a morte, em comum a todas, a necessidade de explicar a nossa finitude.

01:16:26:06 - 01:16:59:20 - OFF IMAGENS DE COBERTURA EININJI

Alcio Braz: Trabalhei muitos anos como psiquiatra no hospital da Lagoa e eu trabalhava, basicamente, vinculado à clínica de oncologia e de cuidados paliativos

01:16:59:20 - 01:17:15:06 - ON

Alcio Braz: Então, na verdade, eu trabalhava muito com pacientes que a gente normalmente chama de terminais, mas que, talvez um nome melhor fosse “pacientes fora da possibilidade de cura atual”. O que não quer dizer que eles vão morrer amanhã, apenas quer dizer que eles não têm cura

01:17:15:06 - 01:17:33:08 - OFF IMAGENS DE COBERTURA EININJI

Alcio Braz: e que a gente tem que trabalhar com eles para eles terem a melhor vida possível até morrerem. Então, esse trabalho foi uma coisa que a gente foi aprendendo no caminho. Esse trabalho se divide também num aspecto que é muito trabalhar com os profissionais de saúde

01:17:33:08 - 01:17:57:17 - ON

Alcio Braz: Porque o profissional de saúde que trabalha com isso ele o tempo inteiro tem que encarar aquilo que a gente normalmente não encara. Do mesmo jeito que eu tava dizendo que a gente esquece que vai morrer, o profissional de saúde, que tem que lidar com morte o tempo todo, não pode esquecer que vai morrer. Talvez trabalhar com isso seja pesado por um lado, porque você tem que o tempo inteiro estar lembrando, mas talvez seja a maior benção para quem tem essa oportunidade.

01:17:57:17 - 01:18:15:22 - OFF IMAGENS DE COBERTURA EININJI

Alcio Braz: Porque quando as pessoas tão nessa situação, se você realmente consegue estar presente com elas, elas te ensinam muita coisa. As pessoas às vezes acham o zen, o budismo, meio mórbido, porque fala muito de morte. Se você for ver, a gente

01:18:15:22 - 01:18:59:06 - ON

Alcio Braz: volta e meia fala de morte nos nossos rituais. Mas, acho que a ideia é justamente o contrário, é no sentido de ver como a vida é bacana e como a morte da um sentido pra vida da gente e como a gente tem que aprender com esse momento e como a gente pode sofrer sem ser massacrado pelo sofrimento, sabe. A gente pode chorar, a gente tem que compartilhar a nossa dor, mas a gente não precisa ficar esmagado pelo nosso sofrimento, a gente aprende muito isso também. O luto é importante, é importante a gente compartilhar esse luto com as pessoas que a gente ama, que a gente tem relação. Mas eu acho que a perda de uma pessoa próxima, repetindo, é talvez a melhor oportunidade que a gente tenha pra entender o que que é a vida e o que que é a morte.

01:18:59:06 - 01:19:09:19 - OFF IMAGENS DE COBERTURA EININJI

01:19:09:19 - 01:20:19:17 - ON ENTREVISTA SÉRGIO BESSERMAN E KAKÁ WERÁ

Kaká Werá: Entre a tradição Tupi, por exemplo, a morte ela é uma passagem para outros mundos, também. E a tradição Tupi vê três mundos possíveis. Um mundo intermediário, um mundo superior e um retorno a esse mundo.

Sérgio Besserman: Isso depende da tua vida.

Kaká Werá: Depende também do caminho da vida, depende dos valores adquiridos. Entre esses valores a coragem conta muito para a tradição Tupi e outra coisa que conta muito para a tradição Tupi é a serenidade, a capacidade de expressa serenidade. O maior dos mundos vai pra quem, entre os valores, dominou valores da serenidade que eles chamam do “embaiacuaa”, da pessoa de profunda serenidade. A coragem é um mundo ainda intermediário, a serenidade é melhor do que a coragem.

Sérgio Besserman: Serenidade é coragem com sabedoria...

Kaká Werá: É, é.

01:20:19:17 - 01:20:28:14 - OFF IMAGENS DE COBERTURA

Duda Ribeiro: Essas divisões que existem, né,

01:20:28:14 - 01:21:11:07 - ON

Duda Ribeiro: entre os que acreditam na reencarnação e os que não é tão pertinente na história humana. Antes, quando nós éramos politeístas, imagina quantos deuses nós tínhamos, de que maneira nós vimos a morte. O homem sempre vai em busca dessa pergunta, de onde eu vim para onde eu vou. Mas, até que ponto isso importa quando você acorda, até que ponto isso importa quando você está dirigindo um carro, até que ponto isso importa quando você tá deitado ao lado da pessoa que você ama. Você já está pensando na sua morte? Então você sai daquele momento sublime para entrar num outro, para um distanciamento enorme.

01:21:11:07 - 01:21:17:07 - OFF IMAGENS DE COBERTURA

Duda Ribeiro: E você vai encontrar isso em todas as religiões eles falam “viva os dias de hoje”.

01:21:17:07 - 01:22:15:03 - ON

Duda Ribeiro: “Olhai os lírios no campo”. “Porque que se preocupas com o mal do amanhã?”. Então sempre te focam, a cabala fala isso, o cardécismo fala isso, a umbanda fala isso, eles focam no seu momento que você tá, para que você não se torne ansioso, desesperançoso. Também não justifica dizer assim “ah, o câncer me veio porque em outras vidas eu...”, a medicina diria que o DNA já veio... O que importa isso? O que importa o DNA de lá de trás ter me causado isso? O que importa que outras vidas tenham me causado isso? O que importa que se ele for ele, ou outro motivo qualquer, que me leve para morte ou, como eu chamo, para essa passagem, se eu for viver lá na frente eu vou viver o futuro, se eu vou viver lá atrás, eu to vivendo o passado, eu hoje vivo o dia de hoje. Eu to aqui com vocês, eu vivo o dia de hoje.

01:22:15:03 - 01:22:34:01 - OFF IMAGENS DE COBERTURA TEMPLO HINDU

Sérgio Besserman: E como o hinduísmo explica esse ciclo eterno

01:22:34:01 - 01:23:31:05 - ON ENTREVISTA SÉRGIO BESSERMAN E SWAMI JITANANDA

Sérgio Besserman: nascimento, morte, crescimento, renascimento.

Swami Jitananda: O hinduísmo explica que, assim como Deus é infinito, a criação também é infinita. Não existe um momento em que houve o início da criação, também não existirá um momento em que acabará a criação, são ciclos que vêm ocorrendo eternamente. Não pode existir um período em que não existiu nada e, de repente, passou a existir tudo. O hinduísmo acredita que esse processo criativo é eterno mas é possível, através da iluminação espiritual, do processo de transcendência, eu transcendo esse ciclo no meu nível de consciência, ou seja, de acordo com o meu nível de consciência, eu transcendo esse processo natural, de ciclos contínuos, eu transcendo através da minha mudança de consciência, é uma iluminação pessoal.

01:23:31:05 - 01:23:51:23 - OFF IMAGENS DE COBERTURA FERNANDO BEM

Psicógrafo: Hoje não foram muitas, foram 10 cartas ao total. Gente, eu não tenho controle de quem vai receber.

01:23:51:23 - 01:23:58:28 - ON

Patricia Britto: Quem acredita no trabalho do Fernando, você não precisa receber um CPF, uma identidade, um número de telefone, um endereço.

01:23:58:28 - 01:24:05:17 - OFF IMAGENS DE COBERTURA FERNANDO BEM

Patricia Britto: Você sabe que o médium é sério, que o médium estuda, que o médium conhece,

01:24:05:17 - 01:24:20:18 - ON

Patricia Britto: que o médium te respeite, entendeu? Que trabalha com amor. E essa seriedade e esse amor é que fazem com que a carta te console de alguma maneira, entendeu? E consola muito.

01:24:20:18 - 01:24:31:04 - OFF IMAGENS DE COBERTURA FERNANDO BEM

Patricia Britto: Por causa dessas cartas, muitas mães consegue continuar a viver

01:24:31:04 - 01:24:39:05 - ON

Patricia Britto: Porque elas têm a certeza que existe vida após a morte, que a morte é do corpo físico.

01:24:39:05 - 01:24:48:11 - OFF IMAGENS DE COBERTURA FERNANDO BEM

Psicógrafo: Mãe, não se culpe em chorar, isso não me incomoda, chore tudo o que tem que chorar, o tempo vai ajudar a gente a entender tudo.

01:24:48:11 - 01:26:05:08 - ON

Patricia Britto: Vim a primeira, não recebi, vim a segunda, não recebi, vim a terceira, não recebi, vim a quarta, não recebi, recebi na quinta vez que eu vim. Uma carta linda, com detalhes, também, com CPF, tudo. Mas, antes 'deu' receber está carta, eu participei da reunião do evangelho que o Fernando faz na casa dele, aos sábados, e eu fui nessa reunião com o meu marido, sentamos e, estamos esperando a reunião começar. O Fernando fez a oração e pediu para parar, porque ele tinha um recado de Fátima. Ele parou e falou assim, "alguém conhece o CPF..." ai falou o CPF do meu filho. Eu não lembrava, quem lembrou foi meu marido. E meu marido falou "É o CPF do Leonardo", ai eu fiquei, comecei a chorar, aí o Fernando falou assim, falou o nome da dona doença, "Ele morreu de leucemia" eu falei "Isso", falou o nome do colégio. E aí eu falei "É isso mesmo". Ele falou "Olha, ele tá bem, tudo". Quer dizer, na primeira comunicação não foi a carta propriamente dita, foi esta reunião que eu fui e que ele já falou os detalhes todos.

01:26:05:08 - 01:26:25:14 - OFF IMAGENS DE COBERTURA FERNANDO BEM

Psicógrafo: Minha mãe Rosângela, tenho saudades da senhora. Gostaria que a senhora soubesse que nada é por acaso, vejo o próprio motivo do meu desenhasce, não foi de um jeito, acabou sendo de outro, mas eu estou bem.

01:26:25:14 - 01:29:36:25 - ON ENTREVISTA SÉRGIO BESSERMAN E KAKÁ WERÁ

Sérgio Besserman: Os ritos, da morte, os ritos funerários, como você nos explicou, são muito diferenciados entre as diversas culturas, os Maxakali, por exemplo, queimam todos os seus pertences e as lembranças que foi pro portal daquele que nos deixou. Você poderia nos falar um pouco mais sobre esses diferentes rituais?

Kaká Werá: Sim, sim. Há, realmente há alguns cuidados com relação à morte, por parte de alguns povos. A tradição Tupi enterra todos os objetos junto com a pessoa, os Krahô, por exemplo, depois da cerimônia do funeral cerimonial já não pronunciam o nome do morto por um período de tempo. Qual é o sentido disso? Quando se faz a passagem, então há toda uma preparação daquele ser, daquela pessoa para esse outro mundo, e essa outra dimensão. Se ela é lembrada, dentro de um contexto de tristeza, dentro de um contexto de culpa, ou dentro de um contexto de dor, de sofrimento, o que se diz é que a alma daquele ser fica presa, fica preso àquele lugar e ao mesmo tempo não tem mais o corpo físico.

Sérgio Besserman: Não faz a passagem.

Kaká Werá: Não faz a passagem. Então, assim, os objetos que têm a memória de uma pessoa podem ajudar a prender essa pessoa. Então, em alguns povos, vamos dizer assim, se proíbe,

os objetos vão juntos ou são queimados porque assim libera, facilita a jornada para a próxima etapa de vida, para próxima dimensão. E aí a questão dos Krahô, porque, assim, nem o nome se fala, porque falar o nome... Então, dentro do rito, do funeral, é previsto o momento de falar da pessoa. Quando eu tive a oportunidade de vivenciar essa experiência em 94, então durante três dias se falava, contava os feitos, as memórias, as lembranças etc e tal. Só que, depois desse período, terminou o rito, acabou, não se fala, por um... por anos, assim. Em algum momento, depois de anos, aí pode se falar. Inclusive, na tradição Krahô, às vezes quando nasce uma criança, se põe o nome de alguém que morreu há muito tempo, normalmente um avô, um bisavô.

Sérgio Besserman: Mas não alguém que morreu há pouco, porque seria...

Kaká Werá: É, não alguém recente, né. Então, são cuidados para que não se prenda a alma num limiar, numa espécie de limbo entre esta dimensão e outras dimensões.

01:29:36:25 - 01:30:05:03 - OFF IMAGENS DE COBERTURA EININJI

Alcio Braz: Quando a minha falecida esposa estava morrendo, uma vez uma pessoa muito próxima à ela chegou no quarto do hospital e começou a chorar.

01:30:05:03 - 01:31:03:11 - ON

Alcio Braz: Ela falou "Olha, só, eu quero só te dizer uma coisa, se for pra você ficar sofrendo mais do que eu, não precisa você vir aqui. Eu já to com o meu sofrimento, vem aproveitar outra coisa comigo". E a pessoa tomou aquele susto assim, mas se tocou. E é uma coisa importante, às vezes quando a gente tá num momento de perda, a gente começa a viver tanto a nossa dor que a nossa dor fica mais importante do que a perda ou a dor do outro e de repente a gente esquece de viver o outro enquanto ele tá ali. É claro que existe um luto antecipatório que faz parte do trabalho do luto. Então, quando você não tá junto da pessoa você pode tá chorando, pensando "Po, eu vou perder". Tá, normal. Mas é importante você perceber que, enquanto a pessoa tá viva, ela tá viva e você pode viver com ela até o fim e que ela pode viver até o fim também, não ficar morrendo por antecipação. Então, a perda de uma pessoa próxima talvez seja uma das coisas mais duras, mas é uma das coisas que tem mais possibilidades de fazer a gente despertar e florescer também.

01:31:03:11 - 01:31:11:04 - OFF IMAGENS DE COBERTURA EININJI

01:31:11:04 - - ON ENTREVISTA SÉRGIO BESSERMAN E ELIEL BATISTA

Sérgio Besserman: Alguns cristãos acreditam que nós podemos, através das orações, aliviar o sofrimento dos que já morreram. Como deve ser a nossa relação com os que já se foram?

Eliel Batista: Aqueles que já se foram, eles precisam sempre permanecer vivos em nós. Esse é nosso resgate, essa é a nossa memória. Até porque aquilo que não foi possível ser perdoado de uma relação, precisa ser perdoada, porque o perdão é vida. Se não nós teremos uma pessoa morta dentro de nós. Isso entra, também, num conflito com aquilo que nós precisamos fazer que é sepultar os mortos. Nós precisamos viver o luto e o luto é a oportunidade para nos despedirmos de tudo aquilo que morre, de tudo aquilo que mata. E é a oportunidade de podermos guardar tudo aquilo que vive e tudo aquilo que transmite vida. Quanto a depois da morte, nós temos inúmeras recomendações da Bíblia que não podemos e não temos acesso ao que acontece e como acontece. Que todas as decisões, tudo que precisa ser feito, é antes ou a despeito da morte, é agora. Só há vida no presente e o presente é esse instante, no passado não tem vida, no futuro não tem vida. Então, onde devemos viver a eternidade é agora. E o dia da morte? Todo mundo vai morrer no dia de hoje, ninguém morre amanhã,

ninguém morre no passado. Então a nossa relação é a relação com a vida. E quanto ao depois? O que uma oração pode fazer é consolar o meu próprio coração, mas o que eu tenho que fazer é enquanto há vida, porque, depois, então eu não tenho acesso. Ainda que exista algo depois, nós não temos acesso, porque o nosso acesso é só para o presente, porque só há vida no presente. Então não podemos fazer essa aposta no futuro, no sentido de vamos transferir as pessoas, aliviar o seu sofrimento ou fazer com que elas não sofram mais. Se nós temos que aliviar os sofrimentos, é agora. Quem sente fome, sente fome hoje. Quem está ferido, está ferido hoje. Quem está magoado, está magoado hoje.

Sérgio Besserman: E até a lembrança, a forma de lembrança dos que já se foram é hoje com os nossos...

Eliel Batista: Exatamente e aí nós precisamos guardar isso que é vivo. É essa memória, é essa lembrança que precisamos ter e nos despedir de tudo que foi morto, de tudo que está morto e tudo que perece, tudo que é perecível.

01:34:04:14 - VINHETA ESTAMOS APRESENTANDO NO CAMINHO DO BEM

01:34:21:04 - 01:34:26:14 - VINHETA VOLTAMOS A APRESENTAR NO CAMINHO DO BEM

01:34:26:14 - 01:34:45:01 - ON

Sérgio Besserman: Segundo Freud, as funções de vida e de morte andam sempre lado a lado. Nosso desejo de autopreservação está intrinsecamente ligado à nossa finitude. E as religiões, como percebem a dualidade entre vida e morte?

01:34:45:01 - 01:34:56:28 - OFF IMAGENS DE COBERTURA TRIBOS INDIGENAS

01:34:56:28 - 01:36:36:27 - ON ENTREVISTA SÉRGIO BESSERMAN E KAKÁ WERÁ

Kaká Werá: Os Tubinambá, por exemplo, que habitavam o litoral do Rio de Janeiro e São Paulo, na colonização eles preferiram se organizar de tal forma que eles foram de peito aberto para as batalhas e que eles sabiam que, entre ser escravizado aqui nesse mundo e ir prum mundo superior pela coragem, era melhor ir pela coragem. Então, a morte não é vista como um problema, não é uma dor, é uma passagem. E alguns povos também, como a tradição Tupi, acreditam então na possibilidade de retorno.

Sérgio Besserman: Retorno à essa vida?

Kaká Werá: A esse mundo, a essa vida.

Sérgio Besserman: Isso, se você não conquistar os valores...

Kaká Werá: É, se você não cumprir determinadas trilhas, determinados traços, determinados propósitos que a sua própria alma escolheu.

Sérgio Besserman: Não é um caminho comum a todos, é o seu caminho.

Kaká Werá: É o seu caminho, a tradição Tupi diz que em cada alma tem o que eles chamam de "ianterenco", cada alma tem um jeito de ser e esse jeito de ser tem que ser expressado e a expressão desse "ianterenco", desse jeito de ser, pressupõe cumprir, lapidar, vamos dizer assim, alguns valores. Se ele não consegue cumprir, então ele pode voltar para se aprimorar.

01:36:36:27 - 01:36:46:10 - OFF IMAGENS DE COBERTURA

Duda Ribeiro: A arte, pra mim, ela é o meu remédio.

01:36:46:10 - 01:37:04:08 - ON

Duda Ribeiro: A arte é minha igreja, né. Quando eu to no palco, quando eu to no estúdio, quando eu to trabalhando, quando to diante de uma câmera, por exemplo, minha relação é uma relação de profundo respeito e de tentar, o máximo possível, que haja uma comunicação e que essa comunicação seja chegue a outra pessoa.

01:37:04:08 - 01:37:16:26 - ON DUDA RIBEIRO NO PALCO

Duda Ribeiro: Em 2009 eu tive a infelicidade de perder um grande amigo, eu perdi meu pai. Uma pessoa que eu amo até hoje. E como eu sou espiritualista, isso não me dói de maneira nenhuma, porque eu sei que eu vou voltar pra minha casa, eu vou voltar pra casa do meu pai.

01:37:16:26 - 01:37:26:20 - OFF IMAGENS DE COBERTURA ESPETÁCULO DUDA RIBEIRO

Duda Ribeiro: Meu pai disse antes de morrer disse pra mim “Meu filho, eu ser cremado, joga a cinza no...”. Isso bem antes dele morrer, “Você joga a cinza no chão”.

01:37:26:20 - 01:38:02:20 - ON

Duda Ribeiro: Nos momentos em que eu estava muito ruim eu pegava vídeo de Chaplin, Jerry Lewis, era mais fáceis pra eu me concentrar no riso. E aquilo ia me dispersando, cada vez mais, da minha realidade, né. Eu sempre, quando... vou muito ao teatro, vou muito ao cinema, então, na dúvida, eu escolhia um filme de humor se eu estivesse em um momento mais difícil. Em 97 eu fiz um show de humor que era eu e dois músicos, são crônicas, não é piada assim

01:38:02:20 - 01:38:11:06 - OFF IMAGENS DE COBERTURA

Duda Ribeiro: Chamado O Enviado, que eu brincava dizendo que eu tinha sido enviado à Terra para falar besteira, para fazer os outros rirem.

01:38:11:06 - 01:38:40:04 - ON

Duda Ribeiro: Ai, em 2011, quando eu acabei de fazer o transplante, eu fiz o dois, O Enviado 2, e eu fiz muito sucesso. Só que eu nunca falei de doença e no O Enviado 3, que eu falo em cuidando a vida, eu entrei, eu falei... Na verdade eu faço, eu brinco que eu vou fazer a linha da minha vida, eu vou contar a minha história inteiro. A minha preocupação era saber se a minha história era engraçada.

01:38:40:04 - 01:38:50:05 - ON ESPETÁCULO DUDA RIBEIRO

Duda Ribeiro: Quando eu recebi as cinzas do meu pai, eu achava que vinha numa urna, numa coisa bonita, naquela garrafinha da Jeany É Um Gênio, sabe? Que nada, veio numa caixa de Kibom.

01:38:50:05 - 01:38:57:18 - ON

Duda Ribeiro: O último bloco eu digo que eu estou com câncer ai fez um silêncio, mas eu já saio rasgando

01:38:57:18 - 01:39:00:25 - ON ESPETÁCULO DUDA RIBEIRO

Duda Ribeiro: Aparece nessa hora todo mundo fica olhando pra você.

01:39:00:25 - 01:39:03:18 - OFF IMAGENS DE COBERTURA ESPETÁCULO

Duda Ribeiro: Na verdade, tudo isso faz com que a gente tenha uma alegria

01:39:03:18 - 01:39:11:25 - ON

Duda Ribeiro: Isso não quer dizer que você não esteja lutando, mas você não tá transformando aquilo em algo que você tenha pena de si.

01:39:11:25 - 01:39:27:00 - OFF IMAGENS DE COBERTURA TEMPLO HINDU

Sérgio Besserman: No hinduísmo há dimensões, digamos, celestiais

01:39:27:00 - 01:41:53:11 - ON ENTREVISTA SÉRGIO BESSERMAN E SWAMI JITANANDA

Sérgio Besserman: Algum lugar, não bem um lugar, para onde vamos após a morte. Para onde nós vamos quando morremos?

Swami Jitananda: Então, o hinduísmo, ele não coloca essa questão dos planos celestiais com lugares, eles colocam mais como planos de consciência, planos vibratórios, vamos dizer assim. De acordo com o meu nível mental, com o meu plano de consciência, eu vou, depois da morte, nesse plano de consciência, então não significa que é um lugar, ou um planeta, ou um lugar distante no espaço.

Sérgio Besserman: Não é o céu, ou o inferno.

Swami Jitananda: Não, é só somente diferenças de vibrações, planos vibratórios, são diferentes planos de consciência que a pessoa pode ir depois da morte.

Sérgio Besserman: Antes de reencarnar?

Swami Jitananda: Antes de reencarnar. Ou seja, podem ser períodos curtos, períodos longos. E também ela pode não mais reencarnar aqui na terra e ficar nesses planos de consciência. Tem toda uma doutrina nesse sentido.

Sérgio Besserman: O mestre ou uma pessoa que atinge a iluminação por pureza de coração, ela pode permanecer num plano vibratório, num plano de consciência desses, sem a necessidade de voltar para reparar karmas ou...

Swami Jitananda: Sim, a pessoa que atinge esse plano mais elevado, o hinduísmo classifica a iluminação espiritual em diversas etapas, vamos dizer que não existe apenas uma iluminação, existem diversos estágios que a pessoa passa de experiência espiritual e a mais elevada delas, que é chamado "samadi", em sânscrito, que é um estado de união mística. Quando a pessoa passa a se identificar com a consciência cósmica. Claro que tem toda uma explicação por trás disso, o que é essa consciência cósmica, mas é um estágio de consciência superior ao que nós estamos experimentando agora. Ou seja, o nosso estado de consciência engloba aquilo que nós aprendemos através dos cinco sentidos, da visão, olfato, paladar, tato e audição, então, a vedanta explica que a pessoa que atinge a iluminação, ela atinge um estado de consciência diferente, que não pode ser explicado, só a pessoa que atingiu esse estado sabe o que é.

01:41:53:11 - 01:42:05:01 - OFF IMAGENS DE COBERTURA TRIBOS INDIGENA

Kaká Werá: No passado, no Brasil, na tradição Tupi, por exemplo, um dos motivos, quando os povos brigavam

01:42:05:01 - 01:44:53:01 - ON ENTREVISTA SÉRGIO BESSERMAN E KAKÁ WERÁ

Kaká Werá: os Tupinambá, daqui da região do Rio de Janeiro, um dos motivos de quando eram brigas entre tribos, um poder matar o outro e praticar o rito da antropofagia era justamente ligado ao fato de que aquele que era morto, o morto, se sentia honrado em ser comido pelo... porque isso representava, para ele justamente um salto. Então é uma lógica totalmente diferente.

Sérgio Besserman: Se ela for olhada com olhos fora do contexto, adquire-se um significado totalmente diferente do verdadeiro.

Kaká Werá: É, os guerreiros capturados, entre brigas inter-étnicas, eles sentiam, assim, honrados se fossem mortos, mas dentro de um rito próprio, o rito da antropofagia tinha todo uma... Então, a morte tem esse paradoxo, ela é um portal, é uma passagem para os povos, mas, ao mesmo tempo, você não deve antecipá-la.

Sérgio Besserman: Porque aí você acaba se desviando do seu caminho, como você falava.

Kaká Werá: É, exatamente. Por exemplo, os Guarani-Kaiowá, porque que os Guarani-Kaiowá praticam o suicídio coletivo quando eles são pressionados a saírem de suas terras tradicionais, que é o que acontece até hoje, infelizmente, no Mato Grosso do Sul, porque a terra, não no

sentido de território e posse, mas a terra num sentido dentro de um contexto de uma cultura que a considera como um ventre, como uma mãe. Entre eles terem que sair desse lugar a qual eles são guardiões e morrer, é mais honroso e corajoso morrer, então eles preferem morrer coletivamente. Eles não estão antecipando a morte... é que é uma situação

Sérgio Besserman: Naquele momento...

Kaká Werá: Naquele momento...

Sérgio Besserman: é a luta do momento

Kaká Werá: é a luta do momento. Preferem morrer em paz, sem agredir o outro, sem praticar.

Sérgio Besserman: Do que abandonar o território que é o ventre da terra.

Kaká Werá: Do que é o espaço sagrado deles. Então, é uma relação com a morte bem diferenciada.

01:44:53:01 - 01:45:04:03 - OFF IMAGENS DE COBERTURA EININJI

Alcio Braz: O suicídio é um tema meio

01:45:04:03 - 01:45:42:10 - ON

Alcio Braz: espinhoso, na verdade, porque tem vários tipos de suicídio, né. Se você ver, por exemplo, aqueles monges vietnamitas, zen, que se autoimolavam em praça pública, tocando fogo na época da guerra do Vietnã, é um suicídio. Mas, pra eles, aquilo tinha um sentido de denunciar alguma coisa e de conseguir um bem maior. Então, sacrificavam a vida deles por um bem maior. Então tem esse tipo de sacrifício que é um sacrifício altruísta, você se sacrifica para outras pessoas viverem melhor, sobreviverem, você se atira na frente de um carro pra uma criança, isso é um suicídio, né. Então tem o suicídio altruísta

01:45:42:10 - 01:45:51:28 - OFF IMAGENS DE COBERTURA EININJI

Alcio Braz: e tem o suicídio que a gente normalmente chama de depressivo, aquele suicídio que a vida não tem mais sentido, eu me mato porque a vida não tem mais sentido. De qualquer maneira, não existe uma condenação

01:45:51:28 - 01:46:21:26 - ON

Alcio Braz: moral no budismo pro suicídio, nem pro altruísta nem pro egoísta, digamos assim. Continua sendo uma questão de foro íntimo de cada um, não existe um pecado, nesse sentido. Mas existe a noção de desperdício. Assim, do tipo, você não vai desperdiçar a sua vida, então o suicídio, pro Buda, era até tolerável imaginar ele quando tinha essa questão de que em função dele, muito mais pessoas iam se beneficiar.

01:46:21:26 - 01:46:30:07 - OFF IMAGENS DE COBERTURA EININJI

01:46:30:07 - 01:49:51:13 - ON ENTREVISTA SÉRGIO BESSERMAN E ELIEL BATISTA

Sérgio Besserman: Porque o suicídio, o aborto, a eutanásia, são temas tão pesados e difíceis pra grande maioria das religiões e como o senhor, pastor, vê o livre arbítrio, em relação a esses temas.

Eliel Batista: Eu acredito que isso vem justamente do tabu da morte. O que se está sendo julgado, quando das restrições a respeito desses temas que envolvem a morte é justamente o medo e também nessa nossa herança de que atentar contra a vida é ser condenado ao inferno e aquele que atenta contra a vida estaria condenado ao inferno. Então, como você tem esse dogma e ele é colocado com um peso, automaticamente gera-se uma ausência de discussão sobre o assunto, porque o dogma é imperioso. Mas você tem, na história, diversos momentos

em que, por exemplo, o suicídio, ele entra como pecado por causa do número de pessoas que se entregavam ao suicídio, que é uma conta óbvia, se a vida além morte é melhor do que essa vida, porque devo eu ficar aqui.

Sérgio Besserman: E mesmo instrumentos de opressão, também, se o suicídio fosse tão comum, por essas circunstâncias, os poderosos poderiam matar e dizer “foi suicídio”.

Eliel Batista: É. E, então, o julgamento que precisa ser feito, de novo, é a respeito da pessoa, o que que nós estamos falando, nós estamos falando de tirar a vida e de morte, ou nós estamos falando da vida de uma pessoa e de como ela expressa essa vida? Uma pessoa que suicida, Pascoal disse isso, né, ela está procurando a felicidade, ela não está procurando a morte, ela não está procurando condenação, ela está tentando se livrar de um sofrimento. E o aborto? Então, a discussão é sobre a vida? Quando começa a vida? Se você joga essa conta para o final, a morte cerebral, para que, inclusive é decretada a morte para doação de órgãos, é considerada como válida.

Sérgio Besserman: Mas é uma definição arbitrária de qualquer forma, né, porque poderia haver outras.

Eliel Batista: Sim, poderia haver outras, mas então se o cérebro define a morte, se a morte cerebral define então a vida, o início do cérebro que define quando há vida?

Sérgio Besserman: Ah, entendi, perfeito.

Eliel Batista: Entendeu? Quando que começa a vida. Então, as discussões precisam ser abertas para que a gente não fique repetindo dogmas que existiram respondendo a alguma coisa da época que eles surgiram. Porque todo dogma, toda doutrina, surge por uma razão.

Sérgio Besserman: Mesmo o dogma tem um contexto histórico.

Eliel Batista: Tem um contexto. Porque ela, a doutrina, surge por uma razão. Qual a razão? Quando a gente conversa sobre essa razão, temos que ver se ela ainda permanece. Se ela permanece, a resposta que demos a esse motivo é a mesma hoje? O mundo mudou e a resposta é outra? Então a resposta tem que ser outra. Permanece a razão que é o dogma da fé, mas muda-se a resposta porque o mundo mudou.

01:49:51:13 - 01:50:05:21 - OFF IMAGENS DE COBERTURA FERNANDO BEM

Patrícia Britto: Quando você recebe uma carta

01:50:05:21 - 01:50:40:16 - ON

Patrícia Britto: Que você sabe que existe uma vida após a morte, que seu filho não morreu, você pensa, eu vou lutar para conseguir passar por essa prova. Porque, quem é espírita sabe que esse é um planeta de provas e expiações e que você está passando por isso porque você precisa passar por algum motivo, que você não conhece mas que você vai conhecer no futuro e que, depois, um dia, você vai reencontrar com o seu filho e que ele tá bem, sabe, isso consola muito. Não te digo só que consola, isso te ajuda a seguir em frente.

01:50:40:16 - 01:50:48:00 - OFF IMAGENS DE COBERTURA FERNANDO BEM

01:50:48:00 - 01:51:23:02 - CRÉDITOS DE ENCERRAMENTO